

## **RESUMO DA TESE: ALERTA NA LUTA!**

Em novembro de 2015 realizávamos o nosso XIII Congresso. Foram debates acalorados naquela conjuntura de crise política que caminhava para o impeachment da presidenta Dilma.

Em meio a efervescência das mobilizações de ruas o **Alerta Unicamp** já apontava que se avizinhava não uma discussão moral da corrupção, mas um golpe articulado pelo grande capital e a grande mídia, para impor aos trabalhadores e ao povo um ajuste neoliberal pesado. Esse golpe gestou Temer presidente. Junto com ele veio liberação geral da terceirização, reforma trabalhista que desmonta a CLT, congelamento por vinte anos dos investimentos públicos, reforma da previdência, sem contar o desmonte da educação e da saúde públicas.

### **Greve 2016 – conquista das cotas**

Houve muita resistência da população e dos trabalhadores. Já em meados de 2016, logo após o golpe, a Unicamp viveu uma forte mobilização de funcionários, estudantes e professores, que tinha um viés econômico, mas que na pauta dos estudantes a mobilização caminhou para o questionamento do golpe e a luta para que a Unicamp assumisse a política de cotas. Luta vitoriosa, depois de muitos anos de resistência da Unicamp em reconhecer as cotas.

### **As Eleições**

O governo Temer fracassou nos seu objetivo de ponte para o futuro. Sai do governo com os piores índices de rejeição da história. O país amarga uma crise em que já acumula cerca de 14 milhões de desempregados. É nesse cenário que o grande capital e os que apoiaram o golpe vão para as eleições.

Sem uma opção viável as forças do mercado e do neoliberalismo se aliam ao candidato da direita conservadora, que com a exclusão de Lula da disputa, assume a liderança nas pesquisas. Essa aliança cria um ambiente novo na política brasileira, a junção da direita conservadora com o neoliberalismo e uma agenda antinacional e anti-povo. Até aqui as indicações apontam para uma tendência de polarização entre a direita e a

esquerda na disputa presidencial. Bolsonaro é o candidato viável da direita. Militar reformado, nunca teve destaque na atuação parlamentar, mas ficou em evidência pelo modo ofensivo que atua, defendendo a ditadura militar e a tortura, atacando conquistas de mulheres, negros e indígenas, muitas vezes acompanhados de discursos racistas, misóginos e homofóbicos. Esta agenda certamente terá resistências dos trabalhadores e dos movimentos sociais. Por outro lado, com governo desse perfil, podemos retroceder nas conquistas sociais e democráticas da constituição de 1988, restabelecendo processos vividos na ditadura que imaginávamos termos superado

### **É possível avançar num projeto nacional, democrático e popular**

Há chances objetivas da vitória na eleição de um projeto mais avançando que resguarde as conquistas populares, os direitos dos trabalhadores e o patrimônio nacional. As candidaturas de Haddad e Ciro Gomes são as que se apresentam nesse campo com a perspectiva de ocupar esse espaço. Será preciso um intenso processo de mobilização. Não há espaço para vacilo nesse contexto. Quando da realização do XIV congresso a eleição estará resolvida e a tese do ALERTA deverá adequar a estratégia proposta para o nosso sindicato.

### **Greve 2018: crise financeira ou de financiamento?**

Nos últimos anos os reitores têm procurado jogar a crise econômica nas costas dos trabalhadores. Os nossos salários foram archoados, a carreira está estagnada há cinco anos e não houve reposição de trabalhadores na proporção dos que saem. Essa situação piorou as condições de trabalho. Na área de saúde o impacto dessa política foi ainda mais devastador, pois além de acumular pendências que já vem da implantação das 30h, a falta de reposição e a pressão da demanda de atendimento, piorou as condições de trabalho e deu vazão a relações de trabalho autoritárias. A resposta a essa situação veio na greve desse ano. A participação da área de saúde foi determinante para o sucesso da greve. Foi uma greve marcada pela forte participação feminina. A greve que ficou restrita aos trabalhadores da Unicamp conseguiu algumas conquistas econômicas, mas seu saldo mais importante está na resposta das trabalhadoras (es) a

política de ajuste e denuncia das condições de trabalho e a vontade de se organizar e participar, que já se refletiu na organização do CR do STU.

Quanto ao financiamento o Fórum das Seis não se cansa de denunciar que há uma política de desmonte das conquistas das universidades públicas paulistas. Ao longo dos anos as universidades ampliaram fisicamente e na prestação de serviços à sociedade, ampliando vagas e cursos. Os governos tucanos que comandam o estado de SP faz mais de vinte anos adotaram uma política de estrangulamento das universidades, retirando recursos do repasse e não assumindo compromissos previstos em lei com as aposentadorias. Os reitores ao invés de proteger as conquistas e a autonomia das universidades, tem tido posição vacilante, preferindo o enfrentamento com as comunidades.

### **Que modelo sindical é melhor para os trabalhadores da Unicamp**

Essa é uma discussão recorrente no nosso sindicato desde a fundação. Novamente no congresso este tema estará em debate. A eleição da diretoria do STU deve ser majoritária ou proporcional? Para o **ALERTA** não é a forma da eleição que vai determinar se o sindicato vai ser mais combativo ou menos combativo. O que pesa é o compromisso da diretoria com a base e com a democracia no sindicato. Quando uma diretoria se perde em brigas internas, certamente isso compromete sua capacidade de discutir e organizar a base. **O Alerta Unicamp** se pautou em várias das gestões do sindicato, sempre olhando para base e o funcionamento pleno dos espaços democráticos da entidade. Quanto a discussão atual, nossa opinião é que a eleição Majoritária dá mais clareza para categoria dos rumos da diretoria. Nela a chapa tem que se apresentar com um programa e disputar na categoria e se eleita fica claro para categoria qual é a linha do sindicato. Os grupos podem se juntar e criar um programa comum para disputa, utilizando mecanismo de formação de chapas como as convenções. Na proporcional cada grupo vai para o sindicato com o seu programa e passa a gestão disputando. Esta discussão estatutária será debatida na categoria e deliberada no Congresso.

Outra discussão pendente e que deve fazer parte do Congresso é se o STU deve ou não se filiar a uma Central sindical. O STU participou da fundação da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil – CTB que tem se firmado no cenário sindical como a central capaz de unificar e defender os trabalhadores e ao mesmo tempo travar um debate de rumo para o país que valorize o trabalho e a retomada do desenvolvimento. Para nós esse deveria ser o caminho natural do STU. No último Congresso aprovamos que o STU deveria estabelecer uma relação com as centrais do campo classista, inclusive enviando representantes aos congressos. Nossa opinião é que ainda não está maduro na categoria para o STU tomar posição de filiação e que deveríamos manter a mesma política até o próximo congresso.

A pauta do congresso é extensa e o **Alerta** terá a oportunidade de tratar de outros temas em novos documentos. Esse resumo pauta temas centrais que norteará a escolha dos delegados.

Assinam diretores do STU

Kiko/FE

Margarida/Caism

Marcílio / CCS

Elisiene / Caism

Creuza / Aposentada – IFCH

Cido / Siarq

Silvana / CIS

Eber / FCA

Deise / HC

Beth / IB

Silvania /aposentada-Caism

Segue depois demais assinaturas ALERTA

